

O INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA NA VISÃO DOS PROFESSORES EM EXERCÍCIO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

*Patrícia Argôlo Rosa**

RESUMO: Considerando a necessidade de ampliação do debate sobre o escopo do Inglês como Língua Franca na educação básica, o presente artigo traz para discussão a visão dos professores egressos do curso LEMI/PARFOR/UESC sobre suas concepções acerca do referido conceito. Através das contribuições teóricas de Jenkins (2006; 2009), Jordão (2014), Kachru (1985; 1994), McArthur (1992; 1999; 2001; 2004), Rajagopalan (2009; 2010; 2011; 2012a; 2012b), Seidlhofer (2001; 2003; 2005), Siqueira (2011; 2012; 2014; 2015) entre outros, o estudo, primeiramente, faz uma breve revisão bibliográfica de alguns dos termos a partir dos quais o inglês é denominado e, em seguida, discute as respostas dos professores aludidos com base nos pressupostos da análise de conteúdos de Bardin (1977). Os resultados revelam que mais de 50% dos respondentes desconhecem o termo. Dessa forma, entende-se que, embora as reflexões sobre esse novo designio do inglês estejam cada vez mais ganhando espaço no contexto do ensino-aprendizagem da língua e da formação docente inicial, urge a expansão destas reflexões na formação continuada e em outras esferas onde seja possível alcançar os professores em exercício.

PALAVRAS-CHAVE: Inglês como língua franca; Professores da educação básica; PARFOR.

Considerações iniciais

O que é mesmo Inglês como Língua Franca (ILF)? Significa o mesmo que Inglês como Língua Internacional (ILI)? O mesmo que Inglês como Língua Global (ILG)? E *World English* (WE)? E *World Englishes* (WEs)? Quem sabe a diferença? Existe, por acaso,

* Doutoranda em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professora Assistente de Língua Inglesa do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc).

alguma diferença? Essas questões vieram à baila em um encontro pedagógico de língua inglesa, em uma escola pública de uma cidade no interior da Bahia.

Observa-se que estes questionamentos, no contexto de professores de língua inglesa da educação básica, não são raros de acontecer. E como nos reporta Siqueira (2011, p. 94) ao citar Sharifian (2009) e Jenkins (2000, 2007), “[...] o debate tem sido intenso, mas não deixa de causar uma certa confusão tanto para estudiosos do tema quanto para professores e aprendizes de língua inglesa”. E essa confusão pode estar associada a uma pouca familiarização com as terminologias dentro e fora do mundo acadêmico ou com a “[...] instabilidade dos sentidos atribuídos pela comunidade científica aos termos” (JORDÃO, 2014, p. 14).

Nesse contexto, portanto, pergunta-se: O que pensam um determinado grupo de professores da educação básica sobre o estatuto do Inglês como Língua Franca?

Ao procurar a resposta para essa questão, o presente estudo almeja discutir a visão de professores sobre o ILF, refletindo sobre suas ideias e concepções. Para tal fim, este artigo, primeiramente, apresenta, com concisão, algumas definições dos vários termos com o qual o inglês, na condição de língua global da contemporaneidade, é denominado. Em seguida, analisam-se as respostas dos professores egressos do curso LEMI (Língua Estrangeira Moderna-Inglês), do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), da UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz) à pergunta em pauta e, finalmente, problematiza-se o contexto da língua inglesa (LI) na educação básica.

O inglês e suas várias facetas: algumas definições

Antes de discorrer sobre as várias terminologias do Inglês e a visão dos professores a respeito do ILF, vale ressaltar, mesmo que sucintamente, a origem e definição de ‘Língua Franca’. De acordo com Lars Vikør (2004, p. 329), a origem do termo não é estabelecida. Contudo, expõe que uma teoria acredita que data dos tempos medievais. Ainda segundo o autor, existem aqueles que acham que o termo data dos séculos XVII e XVIII. Para a Comissão Europeia (2011, p. 19), a origem da Língua Franca é um mistério, mas

quando se pensa em uma data se recorre ao tempo das Cruzadas, quando esta língua entra em uso como o único meio de comunicação entre os cruzados e os povos que eles encontraram na jornada para a Terra Santa.

Quanto à definição de Língua Franca, segundo a UNESCO (1953, p. 46) é “[a] língua que é usada habitualmente por pessoas cujas línguas maternas são diferentes, de modo a facilitar a comunicação entre eles”.¹ Embora existam outras definições, em concordância com Samarin (1968, p. 661) esta é a que possui um significado mais abrangente. Ao relatar sobre as línguas francas do mundo, o mesmo explica que essa língua pode ser de qualquer tipo: natural, pidginizada ou planejada. Ele esclarece, também, que existem outros termos que concorrem com a Língua Franca, a saber: Língua do Comércio – é uma língua usada como segunda língua em situações comerciais e não está entre as línguas majoritárias do mundo; Língua de Contato ou Veicular – é uma Língua Franca, habitualmente, não usada. É o mais neutro dos termos; Língua Internacional ou Universal – é uma Língua Franca cuja utilização é internacionalmente real ou virtual; e, Língua Auxiliar – é uma Língua Franca concebida artificialmente, como, por exemplo, o esperanto.

No passado, muitas línguas exerceram o papel de Língua Franca: o latim no ocidente, durante a idade média até o século XVIII; o português na África e Ásia, nos séculos XV e XVI; o francês na Europa, no século XVII; a língua geral no Brasil, do século XVII ao século XX; só para citar algumas. Hodiernamente, dentre muitas línguas que exercem este papel, o Inglês desponta como a língua que mais se expande, seja por razões econômicas, políticas, acadêmicas, científicas entre outras, seja no espaço virtual ou geográfico. O seu avanço nestas últimas décadas é constatado por todos que dissertam sobre o assunto. A título de ilustração, cita-se nas palavras de Assis-Peterson e Cox (2007, p. 5) que “[em] nenhum outro tempo da história da humanidade, os homens precisaram tanto de uma língua comum como agora, ao serem reunidos pelo/no ciberespaço”.

¹ *A language which is used habitually by people whose mother tongues are different in order to facilitate communication between them.* (As traduções de todas as citações teóricas, em Língua Inglesa, são de responsabilidade da autora).

Nessa conjuntura de expansão, observa-se que são atribuídas ao ‘Inglês’ diferentes terminologias para definir o uso, ensino e aprendizagem dessa língua. As razões para esses diversos termos segundo Erling (2005, p. 42) compreendem: “o crescente uso do Inglês em todo o mundo; o surgimento de bolsas de estudo que avalia criticamente a disseminação do Inglês; as tentativas dos profissionais da área de ensino para atenuar a posição de dominância do Inglês”.² Rajagopalan (2012b, p. 375), por sua vez, postula que a explicação está na necessidade de um nome para este novo fenômeno linguístico, nem que seja só para distingui-lo de seu sentido tradicional.

Concordando com Erling (2005, p. 40), Rajagopalan (2012b, p. 382) compreende, também, que essas nomenclaturas existem pelo interesse em configurar uma nova ideologia e, com isso, refletir melhor a nova realidade.

O Inglês por ser cada dia mais usado na comunicação entre pessoas das mais diversas nacionalidades, nos mais distintos contextos, e por ultrapassar os limites das fronteiras, “não está mais ligado a um lugar, a uma cultura ou a um povo” (ERLING, 2005, p. 42). Para esta autora, a transição demográfica é a principal razão para a mudança no discurso sobre o Inglês.

Mesmo que as discussões sobre as diferentes terminologias estejam em aberto (SIQUEIRA, 2011, p. 91), ainda que sejam muito complexas e variem conforme a área de interesse em que elas se inserem (PALLÚ, 2013, p. 48), elas podem nos dizer muito sobre o fenômeno em geral e sobre as posições socioculturais das pessoas que os criam e os usam (MCARTHUR, 1999, p. 397). Nesta perspectiva, o presente artigo elenca, a seguir, algumas definições das nomenclaturas que foram questionadas – WE/ WEs/ ILI/ ILG/ ILF.

² [...] the increase in the use of English globally; the emergence of scholarship that critically assesses the spread of English; the attempts of ELT professionals themselves to counter the perceived dominance of English.

World English – WE

De acordo com Tom McArthur (1999, p. 397-398), o *World English* é a terminologia mais antiga. No ano de 1967, este autor já publicava um artigo com este título. Nele, o significado do termo era o Inglês usado em toda parte do mundo, independentemente das suas variantes. Em 1989, o termo, com ‘w’ minúsculo, é glosado na segunda edição do *Oxford English Dictionary* meramente como o Inglês padrão. Já em 1992, McArthur define *World English*, no *Oxford Companion to the English Language*, como "um termo cada vez mais comum para o Inglês como a língua do mundo".³ Este mesmo autor reporta que, em 1993, o *New Shorter Oxford English Dictionary* conceitua o referido termo, agora com ‘W’ maiúsculo, como “[...] uma variedade ou características fundamentais do Inglês considerado como padrão ou aceitável onde o Inglês é falado”.⁴ Já em 1998, o *New Oxford Dictionary of English* oferece duas definições para o *world English* com ‘w’ minúsculo. A primeira explicação como “[...] a língua Inglesa incluindo todas as variedades regionais, tais como o Inglês Norte Americano, Australiano, da Nova Zelândia e do Sul da África”.⁵ A segunda definição diz que é “[...] a forma básica do Inglês que consiste das características comuns a todas as variedades regionais”.⁶

Em 2002, a terminologia é definida por Janina Brutt-Griffler (2002, p. ix, 14) como uma ‘fase’ na história do Inglês. A mesma salienta que *World English* não é simplesmente originado através de falantes de outras línguas, mas por eles. Para essa autora, as variações linguísticas que acompanham a expansão do Inglês não são o resultado de deficiências e imperfeições dos não nativos dessa língua, e sim um processo de macroaquisição.⁷

³ *An increasingly common term for English as a world language.*

⁴ *[...] a variety of, or the fundamental features of, English regarded as standard or acceptable wherever English is spoken*

⁵ *[...] the English language including all of its regional varieties, such as North American, Australian, New Zealand, and South African English.*

⁶ *[...] a basic form of English, consisting of features common to all regional varieties.*

⁷ Segundo Janina Brutt-Griffler (2002, p. 11) macroaquisição é o processo de aquisição de uma segunda língua por uma comunidade de fala.

Para Rajagopalan, em seu artigo *The concept of 'World English' and its implication for ELT*, publicado em 2004, o WE é um fenômeno linguístico totalmente *sui generis*, que se examinado minuciosamente vai se mostrar como uma miscelânea de dialetos e sotaques em diferentes estágios de nativização. Ele enfatiza que é como num jogo onde as regras, por não estarem definidas, são revisadas e reinventadas à medida que este jogo progride. Em 2009, ele reafirma que WE pode ser definido como um fenômeno linguístico e acrescenta que “se orienta por um código, mas não se limita por ele” (RAJAGOPALAN, 2009, p. 42). No artigo O “World English” – um fenômeno muito mal compreendido, de 2011, este autor considera que o “principal empecilho em nosso caminho para uma compreensão do WE está no nosso próprio modo de conceituar o que vem a ser uma língua” (p. 47).

Levando em consideração a complexidade deste fenômeno e no intuito de oferecer uma melhor compreensão para esta expressão, Rajagopalan (2011, p. 47-55) especifica o que ela não é: O WE não é um “arranjo quebra-galho”; não é um fenômeno passageiro; não é uma forma “infantil” de falar Inglês; não tem falantes nativos; Ninguém é o “dono” do WE; não é um conceito excludente; não pode ser compreendido de forma monocêntrica; não é uma língua “natural”; não é caudatário da Língua Inglesa; E, não é uma “língua” como qualquer outra.

Segundo esse autor, a opção pelo termo *World English*, no singular, ocorre por uma simples razão: ele está “[...] mais interessado em conhecer como os diferentes ‘Inglês’ se comunicam uns com os outros, do que saber como eles seguem caminhos aparentemente divergentes” (RAJAGOPALAN, 2012a, p. 49).⁸ Em outras palavras, como este mesmo pesquisador cita: “Com *World Inglês* (no singular), estamos enfatizando a unidade da língua. [...] Com *World Englishes*, pelo contrário, estamos reconhecendo e chamando a atenção para as diferenças [...]” (RAJAGOPALAN, 2012b, p. 386). No entanto, Kanavillil Rajagopalan (2011, p. 485) expõe que ambas as terminologias – *World English* ou *World*

⁸ [...] *more interested in finding out how these different ‘Englishes’ communicate to one another, rather than how they go their apparently divergent ways.*

English(es) – são igualmente válidas e úteis. Tudo vai depender de qual aspecto do fenômeno você deseja destacar.

Mas, *World Englishes*, o que vem a ser mesmo?

***World Englishes* – WEs**

Através do editorial do *World Englishes Journal*, Kachru e Smith (1985, p. 209-210) explicam que o termo WEs representa "uma nova ideia, um novo credo". Para esses autores, esta terminologia simboliza:

[...] a variação funcional e formal da língua, e sua aculturação internacional, por exemplo, na África Ocidental, na África do Sul, na África Oriental, na Ásia do Sul, no Sudeste da Ásia, nas Índias Ocidentais, nas Filipinas, e nos tradicionais países que utilizam o Inglês: os EUA, Reino Unido, Austrália, Canadá, e Nova Zelândia. A língua agora pertence àqueles que a usam como primeira língua, e para aqueles que a usam como língua adicional, seja em sua forma padrão ou em suas formas localizadas (KACHRU; SMITH, 1985, p. 210).⁹

Já para Kingsley Bolton (2004, p. 367), a expressão *World Englishes* possui uma série de significados e interpretações. O mesmo enumera três acepções para o referido termo. No primeiro sentido, “[...] funciona como um termo guarda-chuva referindo-se a uma vasta gama de diferentes abordagens para a descrição e análise dos Inglês(es) em todo o mundo”.¹⁰ No segundo sentido, mais restrito, “[...] o termo é usado para referir-se especificamente aos ‘novos Ingleses’ encontrados no Caribe, nas sociedades do Oeste e Leste Africano, tais como a Nigéria e Quênia, os Ingleses da Ásia, como o Inglês de Hong Kong, o Inglês Indiano, o Inglês da Malásia, o Inglês de Singapura, e o Inglês das

⁹ “*Englishes*” symbolizes the functional and formal variation in the language, and its international acculturation, for example, in West Africa, in Southern Africa, in East Africa, in South Asia, in Southeast Asia, in the West Indies, in the Philippines, and in the traditional English-using countries: the USA, the UK, Australia, Canada, and New Zealand. The language now belongs to those who use it as their first language, and to those who use it as an additional language, whether in its standard form or in its localized forms.

¹⁰ [...] the term functions as an umbrella label referring to a wide range of differing approaches to the description and analysis of *English(es) worldwide*.

Filipinas”.¹¹ No terceiro sentido, “[...] World Englishes refere-se a uma ampla abordagem¹² para o estudo da língua Inglesa no mundo, particularmente associada com os estudos de Braj B. Kachru e outros pesquisadores que trabalham o ‘paradigma do World Englishes’” .¹³

Por meio dos seus estudos, Kachru (1985, p. 12) mostra a expansão do Inglês no mundo, categorizando *World Englishes* em três círculos concêntricos denominados de círculo interno (*inner circle*), círculo externo ou alargado (*outer circle/extended circle*) e círculo em expansão (*expanding circle*).

Em termos de usuários da língua, o círculo interno refere-se àqueles que têm o Inglês como língua principal/materna, como exemplo ele cita os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia. O círculo externo abrange aqueles que têm o Inglês como um dos dois ou mais códigos do repertório linguístico ou adquiriu um status importante nas políticas linguísticas de seus países. Isto é, países que adotam o Inglês como segunda língua em contexto bilíngue ou multilíngue, como Nigéria, Zâmbia e Singapura, só para citar alguns. O círculo em expansão engloba os falantes do Inglês como Língua Estrangeira, Internacional ou Universal. Conforme o autor, “[...] As regiões geográficas caracterizadas como o círculo em expansão não têm, necessariamente, uma história de colonização pelos usuários do círculo interno” (KACHRU, 1985, p. 13).¹⁴ São

¹¹ [...]the term is used to specifically refer to the “new Englishes” found in the Caribbean and in West African and East African societies such as Nigeria and Kenya, and to such Asian Englishes as Hong Kong English, Indian English, Malaysian English, Singaporean English, and Philippine English.

¹² Segundo Bolton (2004, p. 367) esta abordagem é, frequentemente, citada como Kachruviana e tem sido caracterizada por uma filosofia subjacente que tem defendido a importância da inclusão e pluricentricidade em abordagens para a linguística do Inglês em todo o mundo, e envolve não apenas a descrição das variedades nacionais e regionais, mas muitos outros tópicos relacionados, como, incluindo a linguística de contato, escrita criativa, linguística crítica, análise do discurso, a linguística de corpus, lexicografia, pedagogia, estudos do pidgin e crioulo, e a sociologia da linguagem.

¹³ [...]World Englishes refers to the wide-ranging approach to the study of the English language worldwide particularly associated with Braj B. Kachru and other scholars working in a “World Englishes paradigm.”

¹⁴ [...] The geographical regions characterized as the expanding circle do not necessarily have a history of colonization by the users of the inner circle.

exemplos desse círculo países como China, Indonésia, Grécia, Japão, Arábia Saudita, Brasil, entre outros.

Muitos autores utilizam o termo *World Englishes* apenas para se referir aos Ingleses dos países do círculo externo. Entretanto, para Farzad Sharifian (2009, p. 3), o termo abrange todos os Ingleses de todos os círculos.

De acordo com Jennifer Jenkins, em seu artigo *Current perspectives on teaching world Englishes and English as a lingua franca*, WEs significa variedades do Inglês *indigenized* (existente em um lugar ou país, em vez de chegar de outro lugar) em seus contextos locais de utilização (JENKINS, 2006, p. 157). Mas, para McArthur (2001, p. 5), no seu painel de definições, o *World Englishes* se refere as “[...] variedades do Inglês (padrão, dialeto, nacional, regional, crioulo, híbrido, “quebrado”, etc.) em todo o mundo [...]”.¹⁵

Acrescentando ao que foi dito, Kachru (1994, p. 6-7) sinaliza que o conceito de WEs foi criado para assimilar o pluralismo e a variação regional e cross-cultural que existem entre as variedades do Inglês no mundo e as distintas identidades dessas variedades. Como o próprio coloca:

O conceito de ‘world Englishes’ demanda que comecemos com uma distinção entre o Inglês como um meio e Inglês como um repertório do pluralismo cultural; um refere-se a forma de linguagem, e o outro para a sua função, o seu conteúdo. Ele é o meio que é concebido e organizado por culturas múltiplas – ou convenções cross-culturais (grifos no original) (KACHRU, 1994, p. 6-7).¹⁶

Nesse sentido, faz-se necessário pontuar que o *World Englishes* assim como outras terminologias não são inocentes e estão carregadas de ideologias (KACHRU, 1994, p. 8). Dentre essas terminologias, expõe-se, na sequência, o Inglês como Língua Internacional.

¹⁵ [...] *Varieties of English (standard, dialect, national, regional, creole, hybrid, ‘broken’, etc.) throughout the world [...]*.

¹⁶ *The concept “world Englishes” demands that we begin with a distinction between English as a medium and English as a repertoire of cultural pluralism: one refers to the form of Language, and the other to its function, its content. It is the medium that is designed and organized for multiple cultural–or–cross-cultural–conventions.*

Inglês como Língua Internacional – ILI

Antes de conceituar o ILI é importante destacar os termos – Língua Internacional (*International Language*) e Inglês Internacional (*International English*). O primeiro termo é definido por Larry Smith, em 1976, como a língua “[...] que é usada por pessoas de diferentes nações para se comunicar uns com os outros” (p. 38).¹⁷ Tom McArthur (2001, p. 5) acrescenta que é a “língua, natural ou artificial, utilizada para a comunicação geral entre as nações do mundo”.

O segundo termo, segundo Sandra McKay (2002, p. 132), refere-se ao Inglês que é usado por falantes nativos e bilíngues para a comunicação *cross-cultural*, e que pode ser usado tanto no sentido local (o Inglês que é falado entre pessoas de culturas e línguas diferentes, dentro de um mesmo país) como no sentido global (o Inglês que é falado entre pessoas de nacionalidades distintas). Já para McArthur (2001, p. 5), Inglês Internacional é a Língua Inglesa (empregada na forma padrão ou não) quando usada, ensinada, e estudada como Língua Franca em todo o mundo.

O Inglês Internacional, em alguns casos, pode ser confundido, ou até mesmo, se referir erroneamente ao ILI. Pode, também, ser utilizado como uma abreviação. No entanto, como alerta Barbara Seidlhofer (2003, p. 8), o ILI é a nomenclatura mais precisa, porque não se refere a uma variedade específica do Inglês. Farzad Sharifian (2009, p. 2) complementa:

O uso de um adjetivo seguido do 'Inglês' sugere, muitas vezes, uma determinada variedade, tal como, Inglês Americano, Inglês de Singapura ou Inglês da China. Deste modo, o 'Inglês Internacional' pode implicar uma determinada variedade do Inglês, que não é intencionado pelo ILI. Na verdade, o ILI rejeita a ideia de privilegiar uma variedade específica como uma língua franca de comunicação internacional. ILI enfatiza que o Inglês, com as suas mais diversas

¹⁷ *International Language is one which is used by people of different nations to communicate with one another.*

variedades, é uma língua de comunicação internacional, e, portanto, *intercultural*.¹⁸ (grifos no original).

A terminologia Inglês como Língua Internacional é para Enric Llurda (2004, p. 316) a que se configura como “[...] a mais adequada para se referir à maioria dos usos atuais do Inglês pelo mundo, especialmente naquelas situações que envolvem a interação entre os falantes não nativos do Inglês interagindo tanto com falantes não nativos como com falantes nativos de Inglês”.¹⁹

Segundo Sharifian (2009, p. 2), é um paradigma, onde vai abarcar a prática, o pensamento crítico e a investigação do pensamento, da pesquisa e da prática. Para Roby Marlina (2014, p. 4),

ILI é considerado como uma lente epistemológica e linguística para pesquisadores, estudiosos e educadores, no intuito de criticamente: revisitar e reconsiderar suas formas de conceituar o Inglês; reavaliar os seus instrumentos de análise e as abordagens que eles adotam na sociolinguística da língua Inglesa e na disciplina TESOL, e rever suas estratégias pedagógicas para o ensino da língua Inglesa, levando em conta as grandes mudanças que o Inglês tem sofrido, como resultado de sua expansão global nas últimas décadas.

Como se observa, o Inglês como Língua Internacional, também, pode ser definido de diversas maneiras por diferentes pesquisadores.

De acordo com Seidlhofer (2003, p.8-9), o Inglês pode ser definido como ILI toda vez que essa língua for a escolhida para a comunicação entre indivíduos provenientes de culturas diferentes, em qualquer lugar do mundo. Ainda, de acordo com a mesma au-

¹⁸ *The use of an adjective plus ‘English’ often suggests a particular variety, such as American English, Singaporean English or Chinese English. Thus ‘International English’ can suggest a particular variety of English, which is not at all what EIL intends to capture. EIL in fact rejects the idea of any particular variety being selected as a lingua franca for international communication. EIL emphasizes that English, with its many varieties, is a language of international, and therefore intercultural, communication. (SHARIFIAN, 2009, p. 2)*

¹⁹ *[...] the appropriate term to refer to most of the current uses of English worldwide, especially in those situations involving non-native speakers interacting in English both with native and other non-native speakers (LLURDA, 2004, p. 316).*

tora, termos como: ‘*World English*’, ‘Inglês como um meio de Comunicação Intercultural’; ‘Inglês como Língua Mundial’; ‘Inglês como Língua Franca’; ‘Inglês como Língua Global’, são usados por alguns autores de forma intercambiável com o ILI.

Inglês como Língua Global – ILG

Para uma língua atingir o estatuto de língua global, ela precisa ser reconhecida no mundo todo; precisa ter um papel especial dentro das comunidades, seja como uma das línguas oficiais do país, seja como a língua estrangeira mais ensinada; ou seja, como a língua de comunicação utilizada em vários campos: aviação, acadêmico, científico, tecnológico, só para citar alguns (CRYSTAL, 2003, p. 3-4). Nesse cenário, a Língua Inglesa se apresenta como detentora desse estatuto, uma vez que representa a segunda língua em mais de setenta países e constitui a língua estrangeira de maior abrangência mundial na história da humanidade.

Michael Toolan (1997, p. 3) chama de Inglês Global o Inglês Internacional usado pelos profissionais que viajam regularmente por diferentes partes do mundo. Segundo ele, esse Inglês não é mais tratado como uma propriedade anglo-saxônica, mas como um recurso de propriedade dos grandes grupos de usuários. Esses grupos não se contentam em descobri-la (seja na sala de aula, seja nos manuais ou em outros locais de uso), mas de inventá-la ou reinventá-la. E cada dia mais os falantes não nativos estão reivindicando os direitos a essa propriedade.

Essa reivindicação de propriedade ou descentralização da posse da Língua Inglesa se expressa como um dos pontos de convergência dos termos *world English*/Inglês Internacional/Inglês Global, contudo eles precisam ser manuseados com cuidado, pois como alerta McArthur (2004, p. 3), apesar de fazer menção a mesma língua ou famílias de línguas, elas exibem perspectivas específicas. Assim sendo, em conformidade com o referido autor,

[...] O primeiro termo vem sendo utilizado ao longo dos anos para dar nome tanto ao que conhecemos por *standard English* (Inglês padrão) quanto a qualquer outra variedade do Inglês; o segundo se refere ao uso multinacional do Inglês, principalmente no que diz

respeito ao ensino de línguas; e, o terceiro inclui os múltiplos usos do Inglês e a relação, quase sempre negativa, que se estabelece entre ele e o fenômeno da globalização socioeconômica mundial (MCARTHUR, 2004, p. 3).²⁰

Inglês como Língua Franca – ILF

Definindo ILF como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, Barbara Seidlhofer (2005, p. 339) destaca que a maioria das interações do Inglês como Língua Franca acontece entre os falantes não nativos do Inglês, embora isso não impeça a participação dos falantes nativos. Corroborando, Jennifer Jenkins (2006, p. 157) reporta ao ILF como uma língua de contato entre pessoas que não compartilham uma mesma língua-cultura, e não são falantes nativos. No entanto, como a própria Jenkins (2009, p. 201) salienta, a grande maioria dos pesquisadores do ILF inclui todos os usuários do Inglês dentro de suas definições. Nesse sentido, o que precisa ser feito, segundo esta autora, é o ajuste para a variedade do Inglês local em benefício dos interlocutores que ao interagirem utilizam o Inglês como a Língua Franca de comunicação. Com isso, os falantes nativos participam da comunicação em ILF, mas não definem a agenda linguística. O que vai existir é uma negociação mútua que envolve esforços e ajustes de todas as partes.

Acrescentando, Juliane House (2003, p. 559) cita que:

[...] ILF não parece ser nem uma língua restrita para fins especiais, nem um pidgin, nem uma interlíngua, mas um repertório de diferentes instrumentos comunicativos que um indivíduo tem à sua disposição, um instrumento útil e uma ferramenta versátil, uma 'língua para a comunicação'.²¹ (grifos da autora)

²⁰ *The first has been used to mean both standard English and all English; the second refers to the multinational use of English (notably in language teaching); and the third both implies vast use and links the language (often negatively) with socio-economic globalization.*

²¹ *[...] ELF appears to be neither a restricted language for special purposes, nor a pidgin, nor an interlanguage, but one of a repertoire of different communicative instruments an individual has at his/her disposal, a useful and a versatile tool, a 'language for communication'.*

O Inglês como Língua Estrangeira para comunicação; como a Língua Franca de comunicação entre falantes de diferentes primeiras línguas; ou, como uma Língua de Contato entre pessoas que não compartilham uma língua-cultura comum são definições que levam o ILF a fazer parte de um fenômeno maior denominado Inglês como Língua Internacional ou *World Englishes* (SEIDLHOFER, 2005, p. 339).

Levando em consideração os estudos de vários pesquisadores, Pallú (2013, p. 65) enfatiza algumas características que considera como as mais relevantes para compreender o porquê dos autores elegerem o ILF, dentre vários outros termos, para se referirem ao Inglês contemporâneo. Dentre as listadas por Pallú, mencionam-se: O Inglês funciona como uma Língua Franca de contato global; O Inglês não funciona como uma língua estrangeira comum; A ênfase na versão atual do ILF se concentra na comunicação dos falantes do Círculo em Expansão entre si e também com os outros Círculos; O ILF concebe a formação pluricêntrica do Inglês ao considerar que ele pertence a todos que o falam; Ao conceber o pluricentrismo do Inglês o ILF assume as implicações sociolinguísticas, sociopsicológicas e aplicadas envolvidas; O ILF questiona e visa desconstruir o papel hegemônico dos falantes nativos; O ILF incentiva a valorização do professor de Inglês em sua condição de falante não nativo; O ILF enfatiza a legitimação de variedades em diferentes comunidades de uso (comunidades locais, regionais e globais de prática); A proficiência comunicativa é atingida pela descrição do campo fonológico e morfossintático dos interesses dos aprendizes usuários; O ILF visa garantir a inteligibilidade na comunicação ao invés de insistir na correção; O ILF sensibiliza para a escolha de conteúdos culturais presentes nos materiais de ensino; O ILF considera a natureza intercultural do uso do Inglês em comunidades multiculturais; O objetivo pedagógico é desenvolver um tipo de proficiência comunicativa apropriada ao contexto de utilização.

Para reforçar as características do ILF elencadas por Pallú, traz-se a definição de Cornelia Hülmbauer, Heike Böhringer e Barbara Seidlhofer (2008, p. 27):

ILF é assim definido funcionalmente pela sua utilização em comunicação intercultural, ao invés da convencional referência às nor-

mas do falante nativo. O ponto crucial é que os falantes de qualquer L1 podem apropriar-se do ILF para seus próprios propósitos, sem excesso de deferência para com as normas dos falantes nativos. Isso contraria a visão de déficit da língua franca Inglesa na medida em que implica direitos comunicativos iguais para todos os seus usuários.²²

À vista disso, as pesquisas em ILF devem focar o Inglês como uma língua fluida, flexível, contingente, híbrida e intensamente intercultural (JENKINS; COGO; DEWEY, 2011, p. 284). Complementando, Gimenez; El Kadri; Calvo; Siqueira; Porfirio (2015, p. 598-599) citando Seidlhofer (2011); Widdowson (2012; 2014) dizem que o ILF é inerentemente variável.

Não obstante, conceituar ILF, conforme os últimos autores, é muito complexo, visto que é ainda um campo em construção.

Após elencar algumas definições das nomenclaturas WE/ WEs/ ILI/ ILG/ ILF, salienta-se que mais do que conceituar a Língua Inglesa é importante ter a clareza de que cada termo representa uma ideologia que perpassa determinados contextos e interesses. Sendo assim, faz-se necessário o estudo, a investigação e a compreensão dessa língua em seus aspectos político, social e econômico.

No cenário de ensino de línguas, em especial nas escolas públicas brasileiras, tal afirmativa se avulta ao considerar o professor como o possível agente de mudança no processo de ensino-aprendizagem. E, ao se falar sobre o Inglês como Língua Franca, a voz desse agente, mais especificamente – o professor que está em exercício –, precisa ser escutada. De acordo com Penny Ur (2010, p. 90) essa “[...] voz está sendo muito pouco ouvida, inclusive nas conferências e nas publicações das principais associações de professores de Inglês”²³.

²² ELF is thus defined functionally by its use in intercultural communication rather than formally by its reference to nativespeaker norms. The crucial point is that speakers of whatever L1 can appropriate ELF for their own purposes without over-deference to native-speaker norms. This counteracts a deficit view of lingua franca English in that it implies equal communicative rights for all its users.

²³ [...] the voice of the practising teacher has been too little heard, even within conferences and publications of the major English teachers' associations.

Isso posto, o presente artigo intenta identificar a visão dos professores da educação básica sobre o estatuto do Inglês como Língua Franca.

A visão dos Professores Egressos do LEMI/PARFOR/UESC – metodologia, análise e discussão

No intuito de saber o que pensam os professores da educação básica sobre o estatuto do Inglês como Língua Franca, foi confeccionado um questionário com perguntas abertas por considerar necessárias respostas mais detalhadas. Nessa perspectiva Vieira-Abrahão (2006, p. 222) assegura que,

[...] os questionários construídos com itens abertos têm por objetivo explorar as percepções pessoais, crenças e opiniões dos informantes. Buscam respostas mais ricas e detalhadas do que aquelas obtidas por meio de questionários fechados ou em escala, as perguntas abertas requerem tratamento mais sofisticado na análise dos dados.

Esse questionário foi enviado, por meio de correio eletrônico, para trinta professores egressos do Curso de Língua Estrangeira Moderna/Inglês da Universidade Estadual de Santa Cruz, que foi implantado, no ano de 2010, para atender ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, que é destinado aos professores em exercício das escolas públicas estaduais e municipais sem formação adequada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (LEI 9.394/96).

Dos 30 (trinta) professores egressos convidados a responder o questionário apenas 20 (vinte) responderam. Em consonância com Siqueira e Souza (2014, p. 53), acredita-se que embora o questionário abranja um número pequeno de respondentes e que as conclusões mediante a este fato sejam parciais e limitadas, ainda assim, constata-se a importância da sua aplicação para problematizar e debater sobre questões que normalmente são ignoradas e invisibilizadas nos muitos contextos educacionais.

Desses 20 (vinte) egressos, 16 (dezesseis) são do sexo feminino e 4 (quatro) do sexo masculino. Todos eles exercem a profissão, por mais de cinco anos, nas redes públi-

cas municipal e estadual da Região Sul da Bahia, mais especificamente, nos municípios de Barro Preto, Camamu, Eunápolis, Itapé e Mascote. Eles lecionam a disciplina de Língua Inglesa no Ensino Fundamental II, sendo que 3 (três) lecionam, também, no Ensino Médio e 2 (dois) lecionam, também, na Educação de Jovens e Adultos.

As respostas foram analisadas com o suporte metodológico dos pressupostos da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977, p. 38), que “consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. No entanto, não existe um modelo fixo para a análise, mas apenas algumas regras de base, pois a análise de conteúdo tem que ser permanentemente reinventada tendo em conta os problemas investigados e os seus objetivos.

A análise de conteúdo organiza-se em torno de três fases, conforme Bardin: A pré-análise; A exploração do material; e, por fim, o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

Após a escolha da pergunta²⁴ a ser submetida à análise (pré-análise) ocorreram as leituras e releituras das respostas (exploração do material). Concluindo a segunda fase, realizou-se a codificação dessa pergunta, que se apresenta no formato de tabela, que foi dividida em 3 colunas: Categoria, Unidade de Registro e Unidade de Contexto. Posteriormente, efetivou-se o tratamento dos resultados.

O termo Categoria é entendido como "rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos [...] sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns desses elementos" (BARDIN, 1977, p. 117). A Unidade de Registro é uma unidade de significação a ser codificada e corresponde ao menor segmento de conteúdo a ser considerado como unidade de base, visando à categorização, podendo ser de natureza e dimensões variadas (BARDIN, 1977, p. 104-105). A Unidade de Contexto contribui para a compreensão de sentidos a fim de codificar as unidades de registro que,

²⁴ Dentre as 20 (vinte) perguntas elaboradas para o questionário apenas uma foi escolhida para ser analisada neste artigo.

agrupando-as, lhes atribui um sentido engajado, ou seja, corresponde ao segmento da mensagem que, pela dimensão superior, propicia entender o significado de registro (BARDIN, 1977, p. 107). A Unidade de Contexto é um segmento da mensagem, de dimensão maior que a extensão da unidade de registro, que ajuda a compreender a significação desta.

Na coluna Categoria foi elencada a pergunta – O que você entende pelo termo “Inglês como Língua Franca – ILF”? Na coluna Unidade de Registro encontram-se os fragmentos de texto (palavras ou frases) que são referentes a cada resposta. Na coluna Unidade de Contexto encontram-se as respostas que englobam a unidade de registro.

Na Tabela 1, pode-se observar que 55% (cinquenta e cinco por cento) dos professores desconhecem completamente o termo. Esse estranhamento já se reporta na literatura especializada. A desterritorialização da Língua Inglesa, o seu novo estatuto e os novos paradigmas desta língua vêm sendo discutidos nas últimas décadas pela linguística aplicada e outras áreas do conhecimento, entretanto existe uma lacuna entre o que se tem debatido na academia e o que se tem feito na prática de milhões de professores de Inglês em todo o mundo. Seidlhofer (2001, p. 134) destaca que muito poucos professores da área participam desta discussão. O ensino de línguas na sala de aula mudou muito pouco considerando o que se tem tratado sobre estes assuntos. Como justificar essa situação no contexto brasileiro? Dentre as possíveis explicações salientam-se: a não incorporação dessas discussões nos currículos dos cursos de formação inicial e continuada de professores de Inglês; insuficiência de problematização e reflexão acerca do papel da Língua Inglesa no mundo e no contexto de globalização nas salas de aula do ensino, seja superior ou básico; poucas pesquisas sobre o estatuto do ILF na formação continuada; professores de Língua Inglesa do ensino básico não atentos às mudanças atinentes a esse Inglês transnacional, mestiço, viageiro, desterritorializado (SIQUEIRA; ANJOS, 2012, p. 134). Sabe-se que se podem suscitar muitos outros esclarecimentos, contudo esses são os mais eloquentes, tendo em vista a realidade dos professores de Inglês, que têm como base do seu conhecimento a língua das gramáticas, dos dicionários e dos livros didáticos.

Dando sequência à interpretação dos dados, compreende-se que a palavra ‘comunicação’ é a unidade de registro que agrega 4 (quatro) concepções de ILF. Nessa unidade a referida palavra está sendo utilizada em 4 (quatro) diferentes apreciações. Como se pode notar, ao escrever – “Na minha opinião uma Língua Franca é uma língua que possibilita a comunicação de pessoas que possuem línguas distintas”– o respondente P2 expressa a opinião sobre Língua Franca, e possibilita, com isso, algumas considerações sobre o que entende por ILF. Pode-se dizer que ele associa a expressão Língua Franca com o Inglês, por esta expressão está relacionada primeiramente com esta língua, que desde o século XX tem se propagado, fenomenalmente, em todo o mundo (BROSCH, 2015, p. 75). Esse autor agrupou as definições de ILF entre aqueles que a definem – incluindo, nem que seja implicitamente, os falantes nativos na comunicação; os que excluem esses falantes nativos da comunicação; e, os que não explicam com precisão a participação/presença desses falantes nativos na comunicação ou não definem o termo ‘Língua Franca’ (BROSCH, 2015, p. 76). Nessa configuração, o referido respondente vai participar do primeiro grupo. Ou seja, ele deixa implícita a participação dos falantes nativos na comunicação.

Prosseguindo, P7 diz que entende ILF como “a língua que perpassa as nações, as negociações, as fronteiras. A língua 'padrão' estabelecida para comunicação entre os povos”. Nessa concepção, observa-se que o professor compreende o fenômeno de expansão e desterritorialização que acontece com o Inglês. Contudo, ao sinalizar e até mesmo grifar o ILF como língua padrão, esse professor conecta esta língua a uma só variedade em detrimento as variedades linguísticas do Inglês como Língua Franca. Ao pensar o ILF como uma variedade padrão, o respondente P7 se contradiz, pois “[q]uando uma língua se espalha, ela muda” (CRYSTAL, 2005, p. 36). Apesar de encontrar na literatura a referência desse Inglês considerado como padrão onde quer que ele seja falado, o ILF deve ser pensado como uma língua plural, onde os seus falantes criam e recriam suas próprias variedades de Inglês (CANAGARAJAH, 2007). Nesse cenário, consegue-se perceber a crença desse professor que a variedade padrão goza de um status que as demais variedades não possuem. Mas, como expõem Siqueira e Souza (2014, p. 38) “[...] diante da reali-

dade de expansão da Língua Inglesa pelo planeta, um padrão nacional como o Inglês britânico ou americano nem de longe será capaz de abarcar todas as possibilidades relacionadas às demandas comunicativas de um espaço geográfico como o mundo”.

Na análise seguinte, desponta-se o termo Língua Estrangeira. O que o respondente P10 quer dizer quando afirma que “Entender Inglês como LF é perceber a necessidade de comunicação em uma língua estrangeira, levando à prática e ao aperfeiçoamento da língua. Essa necessidade é percebida pela interação que há, principalmente, no campo profissional”. Intuem-se desse entendimento as seguintes possibilidades de interpretação: o respondente considera o ILF e o Inglês como Língua Estrangeira (doravante ILE) como sinônimos, visto que existe uma apreciável sobreposição entre os usuários do ILF e os estudantes do ILE. Como esclarece Jenkins (2006, p. 159), aqueles que aprendem ou estão aprendendo o ILE acabam usando-o como ILF; o respondente expressa um dos objetivos do ensino do ILE que é a necessidade de atender a demanda do mercado profissional entre outros. Nesse sentido, o referido professor expressa a concepção de ILE, ou seja, a interação abrange mais falantes nativos do que não nativos. Seguem-se as normas desses falantes nativos e se intenciona chegar o mais próximo dessa variedade. Em contrapartida, o ILF enfoca mais a comunicação com falantes não nativos e todas as variedades de Inglês, nativos ou não nativos, são aceitas (JENKINS; COGO; DEWEY, 2011, p. 283). Dito de outra forma, ressalta-se que enquanto o falante de ILF é aquele que usa e desenvolve uma determinada variedade (BERNS, 2011, p. 294) o falante de ILE é posicionado como um estranho, um estrangeiro, que se esforça para aprender a língua e para ser aceito na comunidade da língua-alvo. Ele é um turista linguístico que tem de respeitar a autoridade do falante nativo (GRADDOL, 2006, p. 82-83).

O último registro referente à concepção de ILF sob a perspectiva da palavra ‘comunicação’ menciona que, “É uma forma de utilizar o Inglês em um grupo de pessoas de forma intencional para se comunicar”. Entendendo que ‘forma’ pode ser glosado como modo/jeito/maneira; método/meio/sistema; tipo/variedade, elucubra-se que para o respondente P20 o ILF é passível de ser ao mesmo tempo uma maneira/um meio/uma va-

riedade, que existe para utilização do Inglês ‘em um grupo de pessoas’ (que grupo é esse?), de forma/modo intencional para a comunicação. Nesse contexto, depreende-se que esse conceito deixa lacunas quando não especifica que esse grupo de pessoas possuem diferentes línguas maternas e que utilizam o Inglês para facilitar a comunicação.

Continuando, a próxima unidade de registro traz a expressão ‘Língua Universal’ para o conceito de ILF. Nota-se que essa expressão é citada neste artigo por Samarin (1968, p. 661) e Kachru (1985, p. 13). O primeiro a menciona para se referir também a Língua Internacional. O segundo faz alusão à referida expressão quando fala sobre o círculo de expansão. Pallú (2012, p. 23), por sua vez, faz menção a ela como Língua Global. Enfim, o conceito de Língua Universal está atrelado ao de uma língua que é falada no mundo inteiro, e é assim que os professores P4, P16 e P18 compreendem o ILF, como pode ser apreciado na coluna da Unidade de Contexto. Do mesmo modo que foi observado na última análise, esses conceitos revelam que os referidos professores possuem uma concepção bem restrita do ILF.

‘Língua Mundial’, trabalhada neste artigo como *World English*, é a última palavra da Unidade de Registro que vai abranger dois contextos. O primeiro é manifestado pelo respondente P1 que conceitua o ILF dizendo: “A Língua Inglesa vem a cada dia sendo mais utilizada por pessoas de diversas outras línguas. Deixou de ser única e exclusiva dos falantes nativos. Sendo uma língua mundial”. O segundo é retratado pelo professor P6 que define: “É a língua usada no mundo dos negócios, entretenimento, informática, esportes, etc”. Ambas as respostas relacionam o ILF ao estatuto de uma língua que assume uma configuração no mundo. Já está claro para o professor P1 que o Inglês é de todos e está presente nos mais diversos contextos como coloca o professor P6.

Mediante essas respostas, verifica-se a urgência do debate sobre o ILF não só na formação inicial e continuada como em outras esferas onde se possa levar essa discussão. Dos congressos, seminários até os encontros pedagógicos. Ainda que certo número de professores tenha declarado conhecer alguns dos múltiplos sentidos que a Língua Inglesa

pode adquirir, ressalta-se que mais de 50% dos respondentes desconhecem o termo. Esse fato revela que a circulação desse conhecimento permanece ainda restrita.

CATEGORIA	UNIDADE DE REGISTRO	UNIDADE DE CONTEXTO
O que você entende pelo termo “Inglês como Língua Franca – ILF”?	Não sabe sobre o termo	P3: “Não sei”.
		P5: “Não conheço”.
		P8: “Não estudei sobre isto na universidade não”.
		P9: “Não sei dizer”.
		P11: “Não tenho conhecimento”.
	Não sabe sobre o termo	P12: “Não sei responder”.
		P13: “Infelizmente, não sei”.
		P14: “Não sei, mas gostaria de saber”.
		P15: “Não estudei sobre isso na graduação”.
		P17: “Desconheço”.
	Comunicação	P19: “Não sei bem”.
		P2: “Na minha opinião uma Língua Franca é uma língua que possibilita a comunicação de pessoas que possuem línguas distintas”.
		P7: “Entendo como a língua que perpassa as nações, as negociações, as fronteiras. A língua 'padrão' estabelecida para comunicação entre os povos”.
		P10: “Entender Inglês como LF é perceber a necessidade de comunicação em uma língua estrangeira, levando à prática e ao aperfeiçoamento da língua. Essa necessidade é percebida pela interação que há, principalmente, no campo profissional”.
		P20: “É uma forma de utilizar o Inglês em um grupo de pessoas de forma intencional para se comunicar ”.

O que você entende pelo termo “Inglês como Língua Franca – ILF”?	Língua Universal	P4: “Como Língua Universal , mais falada entre os países”.
		P16: “O Inglês como língua mãe e universal , em que se estabelece para que os povos mantenham um contato comercial, político, social e cultural mais rápido e fácil”.
	Língua Mundial	P18: “É um idioma universal para comunicação”.
		P1: “A Língua Inglesa vem a cada dia sendo mais utilizada por pessoas de diversas outras línguas. Deixou de ser única e exclusiva dos falantes nativos. Sendo uma língua mundial ”.
		P6: “É a língua usada no mundo dos negócios, entretenimento, informática, esportes, etc”.

TABELA 1 – Análise de Conteúdo da Pergunta: O que você entende pelo termo “Inglês como Língua Franca – ILF”?

Considerações Finais

Abordar a visão dos professores da educação básica sobre o estatuto do Inglês como Língua Franca se torna proeminente na medida em que se atenta para esses professores como “[...] agentes de uma atividade crítica e política, longe daquela visão alienada de endeusamento da LE e de seus falantes nativos” (NUNES, 2006, p. 105).

No vivenciar a nova ordem social, econômica e política que se constitui e reconstitui no cotidiano de uma geração informatizada, onde o conhecimento e a informação passam a ser o fator mais importante para a economia de um país (BERNHEIM; CHAUI, 2008, p. 7), esses professores se configuram como peças fundamentais para inserção (justa e democrática) de seus educandos nessa nova ordem, divulgada pelo meio acadêmico de ‘sociedade do conhecimento’.

É nessa conjuntura que ter o conhecimento do ILF se faz revelador de posturas outras para encarar as novas maneiras de ensinar a Língua Inglesa. Como bem situam Calvo e El Kadri (2011, p. 38), “Profissionais conscientes do papel da língua inglesa no mundo atual poderiam situar sua disciplina no currículo escolar como parte de uma formação crítica, ao problematizar os sentidos da língua inglesa com seus alunos”.

Ensinar e aprender Inglês compreendendo-o como ILF possibilita: refletir sobre o papel dessa língua no cenário mundial; revisitar os conceitos de língua; repensar o ensino de ILE e o modelo de falante nativo orientados pelos países do círculo interno; desconstruir o paradigma do aprendiz de LI como nativo imperfeito; desenvolver a pedagogia intercultural; ressignificar os motivos pelos quais se aprende a língua; incorporar outras variedades do Inglês; e, entre outras possibilidades, “ultrapassar e superar estruturas de pensamento, concepções e práticas que não mais respondem (se é que em algum momento responderam) às verdadeiras necessidades dos aprendizes globais de Inglês” (SIQUEIRA, 2011, p. 110).

Assim sendo, saber o que pensam os professores da educação básica sobre o estatuto do Inglês como Língua Franca tornou-se o objetivo deste artigo ao constatar em uma reunião pedagógica o estranhamento de vários professores de Língua Inglesa sobre o ILF e outras terminologias que o Inglês adquiriu na sua trajetória de expansão no mundo.

Como foi possível verificar, mais da metade dos respondentes não sabem definir ILF. Desta forma, faz-se imperativo oportunizar esse conhecimento, seja através da produção científica; seja através dos congressos, seminários, palestras; seja através dos currículos e ementas; seja nos encontros pedagógicos; enfim, em todos os espaços possíveis que possam preencher essa lacuna.

Contudo, ressalta-se aqui que, mais do que conceituar essa língua, é necessário que os professores compreendam “[...] o contexto político que ela perpassa. Isso se torna possível, mediante investigações teóricas e históricas, nas conexões presentes entre língua, comunidade política e governança democrática” (IVES, 2006, p. 125 citado por PALLÚ, 2013, p. 60). Dessarte, acredita-se que um dos meios para que essa compreensão ocorra seja através da (re)visitação e redefinição dos objetivos de ensino e aprendizagem da língua nos currículos dos cursos de formação inicial e continuada de professores de línguas.

Não obstante o estudo realizado ter suas restrições (número pequeno de respondentes e conclusões parciais e limitadas) espera-se que as visões dos professores da educação básica, aqui citadas, contribuam para que muitas outras sejam vistas, e que esta

produção propicie outras discussões e reflexões sobre o estatuto do Inglês como Língua Franca, em especial, na formação continuada.

ENGLISH AS LINGUA FRANCA IN THE VIEWPOINT OF IN SERVICE TEACHERS FROM BASIC EDUCATION

ABSTRACT: Considering the need to expand the debate on the scope of English as a Lingua Franca on basic education, this article brings into question the vision of former teachers, from the course LEMI / PARFOR / UESC, about their conceptions of that term. Through the theoretical contributions of Jenkins (2006; 2009), Jordan (2014), Kachru (1985; 1994), McArthur (1992; 1999; 2001; 2004), Rajagopalan (2009; 2010; 2011; 2012a; 2012b), Seidlhofer (2001; 2003; 2005), Siqueira (2011; 2012; 2014; 2015) among others, the study, first, provides a brief literature review of some of the terms wherewith English is called. Then, the teachers' responses are analyzed based on Bardin's content analysis (1977). The results show that over 50% of respondents are unaware of the term. Thus, it is understood that although the reflections on this new English term are increasingly gaining ground in the context of language teaching and learning, and initial teacher training, there is urgent need of expansion of these reflections in continuing education and in other areas where in-service teachers can be achieved.

KEYWORDS: English as a lingua franca; Basic education teachers; PARFOR.

Referências

ASSIS-PETERSON, A. A.; COX, M. I. P. O Inglês em tempos de globalização: para além do bem e mal. *Calidoscópio*, v. 5, n. 1, p. 5-14, jan./abr. 2007.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNS, M. English as a língua franca: a conversation with Margie Berns In: GIMENEZ, T; CALVO, L.C. S.; EL KADRI, M. S. (Org.). *Inglês como língua franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professores*. Campinas, SP: Pontes Editora, 2011. p. 293-303.

BERNHEIM, Carlos T; CHAUI, Marilena S. *Desafios da Universidade na Sociedade do Conhecimento: cinco anos depois da Conferência sobre ensino superior*. Brasília: UNESCO, 2008. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422por.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2015.

BOLTON, K. World Englishes. In A. Davies & C. Elder (Eds.), *The handbook of applied linguistics*. Oxford, England: Blackwell. 2004, p. 367–396.

BRASIL. Lei n°. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/96. Estabelece as diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 04 nov.2010.

BROSCH, C. On the conceptual history of the term Língua Franca. *Apples – Journal of Applied Language Studies* 9/1, 2015, 71–85. DISPONÍVEL EM <[file:///C:/Users/patty/Downloads/on-the-conceptual-history-of-the-term-lingua-franca%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/patty/Downloads/on-the-conceptual-history-of-the-term-lingua-franca%20(2).pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2015.

BRUTT-GRIFFLER, Janina. *World English: a Study of its Development*. Clevedon, Multilingual Matters, 2002. p. 215.

CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. Mapeamento de estudos nacionais sobre inglês como língua franca: lacunas e avanços. In: CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S.; GIMENEZ, T. (Org.). *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas: Editora Pontes, 2011. p. 17-44.

CANAGARAJAH, S. Língua franca english, multilingual communities, and language acquisition. *The Modern Language Journal*, 2007. Disponível em <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4781.2007.00678.x/epdf>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

CRYSTAL, D. *English as a global language*. 2ed. Reino Unido: Cambridge University Press, 2003. Disponível em: < http://www.culturaldiplomacy.org/academy/pdf/research/books/nation_branding/English_As_A_Global_Language_-_David_Crystal.pdf>. Acesso em: 20 out. 2015.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ERLING, E. J. The many names of English: a discussion of the variety of labels given to the language in its worldwide role. *English Today*, v. 21, n. 1, p. 40-44, jan. 2005. Disponível em: < <http://dx.doi.org/doi:10.1017/S0266078405001094> >. Acesso em: 10 out. 2015.

EUROPEAN COMMISSION. Língua franca: Chimera or reality? *Studies on translation and multilingualism*, v. 1, 2011. European Commission: Directorate-General for Translation. 2011.

GIMENEZ, T.; EL KADRI, CALVO, L. C. S.; SIQUEIRA, S.; PORFIRIO, L. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 15, n.3, 2015. p. 593-619.

GRADDOL, D. *English Next*. UK: British Council, 2006, p. 82-83. Disponível em: <<http://englishagenda.britishcouncil.org/sites/ec/files/books-english-next.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2006.

HOUSE, J. English as a língua franca: a threat to multilingualism? *Journal of Sociolinguistics*, v.7, n. 4, p. 556-578, nov. 2003. Disponível em <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9841.2003.00242.x/pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

HÜLMBAUER, Cornelia; BÖHRINGER, Heike; SEIDLHOFER, Barbara. Introducing English as a língua franca (EFL): Precursor and partner in intercultural communication. *Synergies Europe*. n. 3, 2008, p. 25-36. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Europe3/hulmbauer.pdf>> Acessado em: 20 set 2015.

IVES, P. Global English: linguistic imperialism or practical língua franca? *Studies in Language and Capitalism*. Online journal, no. 1, 2006, p.121-141.

JENKINS, J. *The phonology of English as an international language*: New models, new norms, new goals. Oxford, UK: Oxford University Press, 2000.

JENKINS, J. Current perspectives on teaching world Englishes and English as a língua franca. *TESOL Quarterly*, v. 40, n. 1, p. 157-181, mar. 2006.

JENKINS, J. *English as a língua franca*: attitude and identity. Oxford, UK: Oxford University Press, 2007.

JENKINS, J. English as a língua franca: interpretations and attitudes. *World Englishes*, v. 28, n. 2, p. 200-207, jun. 2009. Disponível em: < <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-971X.2009.01582.x/pdf> >. Acesso em: 12 out. 2015.

JENKINS, J.; COGO, A.; DEWEY, M. Review of developments in research into English as a língua franca. *Language Teaching*, v. 44, n. 3, p. 281-315, jul. 2011. Disponível em: < http://journals.cambridge.org/abstract_S0261444811000115>. Acesso em: 12 out. 2015.

JORDÃO, C. M. ILA – ILF – ILE – ILG: quem dá conta? *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, n. 1, p. 13-40, 2014.

KACHRU, B. B.; SMITH, L. E. Editorial. *World Englishes*, 4, 1985, p. 209–12.

KACHRU, B. B. Standards, Codification and Sociolinguistic Realism: The English Language in the Outer Circle?. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. G. (eds.). *English in the World: Teaching and Learning the Languages and Literatures*, Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 11-30.

KACHRU, B. B. The speaking tree: A medium of plural canons. *Georgetown University Round Table on Language and Linguistics (GURT)*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1994, p. 6-22.

LLURDA, E. *Non-native-speaker teachers and English as an international language*. University of Lleida, Blackwell, 2004. P. 314-323.

MARLINA, R. The pedagogy of English as an international language (EIL): more reflections and dialogues. In: GIRI, R.; MARLINA, R. (eds.). *The pedagogy of english as an international language: perspectives from scholars, teachers, and students*. Switzerland: Springer, 2014. p. 1-19.

MCARTHUR, Tom (ed.). *The Oxford companion to the English language*. Oxford & New York: Oxford University Press, 1992.

MCARTHUR, Tom. World or International or global English – and what is it anyway? *Georgetown University Round Table on Language and Linguistics*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1999, p. 396-403.

MCARTHUR, Tom. World English and world Englishes: trends, tendencies, varieties and standards. *Language Teaching*, v. 34, n. 1, p. 1–20, 2001.

MCARTHUR, T. Is it world or international or global English, and does it matter? *English Today*, v. 20, n. 3, p. 3-15, jul. 2004.

NUNES, Z. A. A. Afinal, que história é essa de inglês internacional. *Caderno Seminal Digital*, Rio de Janeiro: Dialogarts, v. 6, n. 6, p. 95-198, Jul/Dez, 2006. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_seminal/seminal_VI.pdf>. Acesso em 13 set. 2015.

PALLU, N. M. *Que inglês utilizamos e ensinamos?: reinterpretações de professores sobre o processo de ensino e aprendizagem do inglês contemporâneo*. 2013, 242f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

RAJAGOPALAN, K. *The concept of 'World English' and its implication for ELT*. *ELT Journal*, v. 58/2, April, 2004, Oxford University Press. Disponível em: <http://eltj.oxfordjournals.org>. Acesso em 08 nov. 2015.

RAJAGOPALAN, K. O inglês como língua internacional na prática docente. In: LIMA, D. C. (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas*. São Paulo: Editora Parábola, 2009. p. 39-58.

RAJAGOPALAN, K. The rigmarole of intelligibility in World English(es) – or, on making sense of it all or, if you like, making the very idea of intelligibility intelligible. *Letras e Letras*, [S.l.], v. 26, n. 2, jul/dez. 2010. p. 477-492. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25638/14177>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

RAJAGOPALAN, K. O “World English” – um fenômeno muito mal compreendido. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L.C.S. & EL KADRI, M.S. *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas: Pontes, 2011. p. 45-57.

RAJAGOPALAN, K. For the umpteenth time, the “native speaker”: or, why the term signifies less and less in the case of English as it spreads more and more throughout the

world. In: LIMA, D. C. (Org.), *Language and its cultural substrate: perspectives for a globalized world*. Campinas: Pontes, 2012a. p. 37-58.

RAJAGOPALAN, K. World English or World Englishes? Does it make any difference? *International Journal of Applied Linguistics*, v. 22, n. 3, p. 374-391, nov. 2012b.

SAMARIN, W. *Lingua francas of the world*. In J. Fishman (ed.), *Readings in the sociology of language*. The Hague: Mouton, 1968. p. 660-672.

SEIDLHOFER, B. Closing a conceptual gap: the case for a description of English as a lingua franca. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 11, n. 2, p. 133-158, 2001.

SEIDLHOFER, B. *A concept of international English and related issues: from real English to 'realistic English'?* Strasbourg: Council of Europe, 2003. Disponível em: <<https://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/SeidhoferEN.pdf>> Acesso em: 23 nov. 2015.

SEIDLHOFER, B. Key concepts in ELT – english as a lingua franca. *ELT Journal*, v. 59, n. 4, p. 339-341, out. 2005. Disponível em <<https://www.eltj.oxfordjournals.org/content/59/4/339.full.pdf>> Acesso em: 23 nov. 2015.

SHARIFIAN, F. (ed.) *English as an international language: perspectives and pedagogical Issues*. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2009.

SIQUEIRA, S. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L.C.S. & EL KADRI, M.S. (Orgs.), *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas: Pontes, 2011. p. 87-115.

SIQUEIRA, S.; ANJOS, F. Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento. *Muitas vozes*: Ponta Grossa, v. 1, n. 1, 2012. p. 127-149.

SIQUEIRA, S.; SOUZA, J. Inglês como língua franca e a esquizofrenia do professor. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 50, jul/dez, 2014. p. 31-64. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/14811> Acesso em: 20 ago. 2015.

SIQUEIRA, S. O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. In: *Revista Inventário*. 4. ed., jul/2005. Disponível em: < <http://www.inventario.ufba.br/04/04ssiqueira.htm>.> Acesso em: 14 set. 2015.

SMITH, L. English as an international auxiliary language. *RELC Journal*, vol. 7, n.º. 2, 1976. p. 38-42. Disponível em: <<http://rel.sagepub.com/content/7/2/38.extract#citeby>>. Acesso em: 15 set. 2015.

TOOLAN, Michael. Recentering English: New English and Global. *English Today*, vol. 13, n.º. 4, 1997. p. 3-10. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=1449076&fileI>> Acesso em: 17 out. 2015.

UNESCO. *The use of vernacular languages in education*. Paris: UNESCO. 1953.

UR, P. English as a lingua franca: a teacher's perspective. *Cadernos de Letras: UFRJ*, v. 27. 2010. p. 85- 92. Disponível em < http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100penny.pdf > Acesso em: 15 set. 2015.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELLOS, A. M. F. & VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. *Crenças e ensino de línguas: Foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 219-231.

VIKØR, L. Lingua franca and international language. In U. Ammon (ed.), *Sociolinguistics: An international handbook of the science of language and society (Handbooks of Linguistics and Communication Science 3.1)*, vol. 1, 2nd ed.. Berlin: De Gruyter, 2004. p. 328–335.

WIDDOWSON, H. G. The ownership of English. *TESOL Quarterly*, nº. 28, 1994. p. 377-388.

WIDDOWSON, H. G. ELF and the inconvenience of established concepts. *Journal of English as a Lingua Franca*, v. 1, n.1, p. 5-26, 2012.

WIDDOWSON, H. G. – ELF and the Pragmatics of Language Variation. *Palestra ministrada na 7th International Conference of Lingua Franca*, Atenas, Grécia, 04 set. 2014.

*Recebido em 14/04/2016.
Aprovado em 19/06/2016.*